

TALVEZ VENHA a ser lembrada como uma das primeiras jogadas de mestre das eleições de 2018: o prefeito João Doria encontrou o presidente Emmanuel Macron, paradigma para aspirantes a portadores da renovação política do mundo inteiro.

O encontro teve valor meramente simbólico. No Palácio do Eliseu, Doria era apenas mais um convidado de uma recepção. Conhecido por se afastar dos que tentam se beneficiar da sua aura, Macron evitou qualquer tentativa de instrumentalização durante a breve confraternização, que as redes sociais do prefeito qualificaram de “reunião”.

O Palácio do Eliseu usou outros termos para descrever o acontecimento. “Ele foi saudado pelo presidente”, disse Barbara Frugier, do serviço de comunicação do Eliseu. O advento de Emmanuel Macron

é um terremoto dificilmente repetível, provocado por um contexto específico —o naufrágio da presidência de François Hollande— e contingências inéditas —o colapso da candidatura do seu rival de centro-direita, François Fillon. Completando as circunstâncias favoráveis, a chegada da candidata de ultradireita Marine Le Pen ao segundo turno consolidou a vitória de Macron.

Agora, Macron tem de governar para um eleitorado que, em boa parte, o elegeu como mal menor. A maioria absoluta de deputados no parlamento do partido de Macron agrava a situação. O presidente tem de

**É curiosa a insistência de Doria em tentar se colar num presidente impopular e com programa oposto**

travar a batalha pelas reformas diretamente com a oposição nas ruas. Durante seus primeiros cem dias de mandato, sua popularidade despencou de 62% para 37%.

Curiosa, portanto, a insistência de Doria em tentar se colar num presidente impopular e, sobretudo, defensor de um programa diametralmente oposto ao seu.

Entre suas principais iniciativas,

consta a estatização temporária de um estaleiro, um plano de investimento público de € 50 bilhões, além de uma lei que institui multas a empresas que não pratiquem a igualdade salarial entre os gêneros. Em termos de visão de Estado, Doria está para Macron como Margaret Thatcher estava para Tony Blair.

A comunicação é outro elemento no qual Doria diverge de Macron.

O presidente francês adotou uma atitude que ele próprio define como “jupiteriana”: uma presença pública rara e ritualizada. Doria está mais próximo de Nicolas Sarkozy, idealizador da “hiperpresidência”,

que consistia em ocupar freneticamente todo o espaço midiático. Macron resumiu a estratégia de Sarkozy a “golpes de queixo solitários”.

Mas existe, com efeito, um ponto em que as trajetórias de Doria e Macron podem se tornar similares. Para se lançar como candidato em 2018, Doria terá de fazer com Geraldo Alckmin o que Macron fez com François Hollande: atrair o seu padrinho político às vésperas da disputa presidencial.

Enquanto organizava sua própria campanha, Macron participava das reuniões do pré-candidato Hollande. Essa conspiração, calculista e objetiva, suscitou admiração da própria vítima. “Fui traído com método”, sentenciou o ex-presidente francês. Para chegar à presidência, Doria terá de se inspirar no melhor e no pior de Macron. Mas, para dar certo, terá de ser com método.

**COLONISTAS DA SEMANA** quinta: Clóvis Rossi; domingo: Clóvis Rossi; segunda: Jaime Spitzcovsky

# África deve resolver emigração, diz ativista

Para Graça Machel, fluxo de africanos rumo à Europa só se resolverá com a melhora de condições no continente

**Viúva de Mandela diz lamentar abandono da política brasileira nos países africanos e o neocolonialismo chinês**

**PATRICIA CAMPOS MELLO**  
DE SÃO PAULO

Na semana passada, líderes europeus se reuniram mais uma vez para tentar estancar o fluxo de refugiados vindos da África. Só neste ano, mais de 120 mil africanos chegaram na Europa usando a rota da Líbia, onde morreram 2.410 migrantes.

E, mais uma vez, os europeus propuseram maior segurança nas fronteiras dos países africanos e recursos para a Guarda Costeira líbia.

Para a moçambicana Graça Machel, 71, ativista que trabalha com a defesa dos direitos humanos no continente há décadas, o foco está errado. A solução para o problema precisa partir dos países africanos, não dos europeus.

“Deveríamos criar condições para que as pessoas não tivessem tanta necessidade de sair de seus países de origem. Para isso, os países africanos precisam desenvolver agendas próprias e quem quiser trabalhar conosco, será guiado pelas prioridades definidas por nós, de maneira que não sejam os países europeus a dizer que querem fazer isto ou aquilo.”

Machel foi ministra da Educação e Cultura no governo moçambicano por 14 anos, é viúva do ex-presidente moçambicano Samora Machel e do ex-presidente sul-africano Nelson Mandela.

Ela está no Brasil a convite do Fronteiras do Pensamento Salvador, onde apresentará uma conferência sobre migrações e conflitos na África na próxima quarta (6).

Em São Paulo, ministrará palestra realizada pelo Fronteiras do Pensamento em parceria com o Centro Ruth Cardoso nesta segunda (4).

“Os países africanos precisam desenvolver agendas próprias e quem quiser trabalhar conosco, será guiado pelas prioridades definidas por nós

Posso dizer sem hesitar que a abertura para a África é um dos legados de Lula; hoje, a presença do Brasil é muito menor

**GRAÇA MACHEL**  
ativista política moçambicana



A ativista de direitos humanos Graça Machel, em entrevista à Folha neste domingo (3)

Adriano Vizoni/Folhapress

## RAIO-X

### Nascimento

Manjacaze, 17 de outubro de 1945 (71 anos)

### Formação Acadêmica

Bacharel em filologia alemã na Universidade de Lisboa

### Atividade Política

Ministra da Educação de Samora Machel, presidente da comissão de educação da Unesco e atual chefe da Parceria para Saúde da Mãe, do Recém-Nascido e da Criança

“Naturalmente os países europeus têm de contribuir, mas os países africanos têm que assumir a responsabilidade, tudo o que os outros puderem fazer é uma contribuição a uma solução que tem de ser genuinamente interna.”

Machel lutou clandestinamente com a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) durante a guerra da independência do país. Em 1976, casou-se com Samora Machel e se tornou a primeira-dama do país.

Após a morte do marido em um acidente de avião, em 1986, ela manteve a atividade política e, em 1990, foi nomeada pela ONU para coordenar um estudo sobre o impacto dos conflitos armados na infância. Em 1998, casou-se com Nelson Mandela. Pelos seus dois casamentos, tornou-se a única pessoa no mundo a ser primeira-dama de mais de uma nação.

Machel lamenta que o Brasil tenha abandonado sua política externa assertiva na África, desde o governo Dilma. “Posso dizer sem hesitar que a abertura para a África é um dos legados da administração Lula; hoje, a presença do Brasil no continente é muito menor, para ser honesta.”

A China, que sofre muitas críticas por supostamente ter uma postura neocolonialista na África e é grande investidora em Moçambique, recebe elogios de Machel.

“Temos algumas reservas pela forma como a China está a penetrar o continente africano, mas há um elemento positivo: em Moçambique, Moçambique que diz à China se quer construir linha férrea, ou aeroportos, centros de saúde ou escolas. Não estou a dizer que a situação com a China é perfeita, mas é fato que os programas de desenvolvimento são ditados por países africanos.”

Machel vive entre Moçambique e Maputo. Ela fundou a Graça Machel Trust, uma organização que tem como objetivo auxiliar mulheres empreendedoras no continente africano.

Nesta viagem ao Brasil, não se encontrará com nenhum representante do governo. “Sou uma ativista social, sinto-me melhor no relacionamento com pessoas e instituições que representam pessoas alinhadas com aquilo que eu estou a fazer.”

Da última vez que esteve no país, reuniu-se com a então presidente Dilma Rousseff. “Havia uma aproximação que não era necessariamente de governo, era de pessoa, de opções e valores que comungamos.”

Uma das principais bandeiras de Machel é a luta pelos direitos das mulheres e das crianças. Segundo ela, as relações de gênero não são um desafio apenas da África, são um desafio global.

“Esse problema precisa ser visto como um desafio da raça humana. Temos de nos perguntar o que está a acontecer, por que há um recrudescimento de uma relação de agressividade, e os homens se julgam no direito de matar mulheres.”

Sua própria filha, Josina Machel, foi vítima de violência doméstica. Em outubro de 2015, ela levou tantos socos do namorado que perdeu a visão do olho direito. No começo de 2017, ele foi condenado. “Para a minha filha, é a bandeira da vida dela, porque ela nunca mais vai ser a mesma pessoa. Nunca mais”, disse Graça Machel.

“Mas em relação a condenações de violência contra mulher, ainda é muito pouco. O que está ocorrendo hoje está muito longe de corresponder à magnitude do problema, da capacidade das instituições de responder, e mais ainda vontade das pessoas que representam instituições de olhar para a questão de violência contra as mulheres como uma causa que tem de ser atendida. Às vezes, as instituições respondem melhor a uma ocorrência de roubo do que a uma de violência doméstica. É uma atitude que tem de mudar.”

## ▶ SERVIÇO

**PALESTRA SERÁ NA SEGUNDA EM SÃO PAULO**

Graça Machel fará a palestra “Território Africano: Conflitos e Migrações” nesta segunda (4), às 19h, no auditório do Centro Ruth Cardoso (rua Pamplona, 1005, Jardim Paulista). O evento é gratuito e os lugares são distribuídos por ordem de chegada, segundo a limitação do espaço. Ao fazer sua inscrição, o participante autoriza o uso de imagem/voz nas mídias da RedeSol.